

Sexualidade e amor no homem idoso

ÂNGELA MUCIDA

RESUMO

Tomando como fio condutor a proposição: “há um sujeito que não envelhece, apesar da velhice”, destacamos algumas consequências para o conceito de velhice e a sexualidade masculina. Para a psicanálise a sexualidade constitui-se por marcas e identificações advindas da relação de cada sujeito com o Outro e, portanto, é permeada pelo campo da fantasia. Não importando a idade, na sexualidade encontram-se traços que não envelhecem e determinam respostas singulares de como cada um conduzirá a passagem do tempo e as marcas da velhice. Apoiando-se em fragmentos literários e clínicos, indicamos que o desejo não envelhece e o sujeito se mantém como “desejante”, por meio de um conjunto de relações que se torna mais complexo à medida que envelhece. A identificação entre masculinidade, potência fálica, desempenho e poder pode acarretar na velhice uma associação entre envelhecimento e perda do desejo, com efeitos sobre a sexualidade, sobretudo com a aposentadoria. Discutimos o efeito “Viagra” sobre a sexualidade na velhice, analisando as condições do amor e os tabus ainda vigentes em relação à vida sexual e amorosa do homem idoso.

Palavras-chave: inconsciente, desejo, sexualidade, impotência, amor.

Psicóloga, Psicanalista
Membro da Escola
dos Fóruns do Campo
Lacaniano, Mestre
em Filosofia (UFMG).
Doutoranda em Psicologia/
Psicanálise (UFMG).
Professora Adjunta do
Centro Universitário Newton
Paiva e Coordenadora da
Especialização em Saúde
Mental e Psicanálise nesta
instituição.
angelamucida@terra.com.br

ABSTRACT

Assuming as premise the proposition that “there is a subject who does not age in spite of being a senior citizen”, we highlight some of its consequences for the concept of old age and male sexuality. According to psychoanalysis, sexuality is marked and identified by the relationship of each subject with the Other and, therefore, is permeated by the field of fantasy. Regardless of one’s age, certain sexuality traits will not “age” and, therefore, will determine singular responses as to how each individual will deal with the passage of time and the marks of aging. Based on clinical and literary fragments, we suggest that one’s desire will not age and that subjects will maintain their desire through a set of relationships that become more complex as they grow older. The identification between masculinity, phallic power, performance and power in old age can cause an association between aging and loss of desire, which will have an effect on sexuality, especially during retirement. We discuss the effect of “Viagra” on sexuality in old age, analyzing the conditions of love and the taboos that still exist in relation to sex and love for elderly men.

Keywords: unconscious, desire, sexuality, impotence, love.

Sobre o sujeito que não envelhece

Antes de falar sobre a sexualidade masculina, retomarei brevemente a proposição: o sujeito não envelhece, apesar da velhice ¹, pois ela conjuga-se intimamente com o conceito de sexualidade a ser desenvolvido. O que significa pensar que há um sujeito que não envelhece em toda velhice?

De imediato parece bem simples a resposta: a velhice não traz em cena outro sujeito. Todavia, há um tempo que passa e deixa suas marcas, e ninguém se pode dizer imune aos efeitos da temporalidade, o que passa no decurso do tempo. Escutando idosos na clínica e em supervisão, bem como em situações asilares e na vida cotidiana, depreendi que, malgrado exista a velhice com suas marcas, perdas e modificações, inclusive de alguns laços sociais, há um sujeito que não envelhece. Este se refere ao sujeito do inconsciente. Retomemos rapidamente, a título de ilustração, a constituição do aparelho psíquico, descrita por Freud.

¹ MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice*, 2006

Na Carta 52² Freud expõe um aparelho psíquico constituído por traços ou estratificações. No primeiro tempo encontram-se os primeiros traços da percepção, traços arcaicos da memória que, uma vez marcados, não se alteram com a passagem do tempo, não envelhecem e não morrem. Esse atemporal do inconsciente delimita, a nosso ver, o que jamais envelhece. Esses primeiros traços, efetivos e indestrutíveis, e exercendo influência sobre tudo que vem depois, não podem ser lembrados ou trazidos à consciência. Entre esse primeiro tempo e o segundo, há uma barra à tradução, ao sentido, nomeada nessa época de recalque. Apenas no terceiro tempo surgem as representações verbais, as palavras. Ou seja, antes de falar, entender as palavras e nomear nossas vivências fomos falados, olhados, tocados, nomeados e só depois tentamos encontrar sentidos diversos para esse tempo irrecuperável, mas que marca nossa entrada no mundo da linguagem.

De outra forma: nascemos em um mundo permeado de palavras escutadas, faladas, sentidas, esquecidas, lembradas como ecos de outro tempo, mas que não morrem. Algumas grifam efeitos do que nos tornamos, mesmo que muitas nos escapem. A velhice é uma escrita dessa memória. Onde começou essa escrita, onde termina? O quase silêncio habita seu princípio e seu fim³. Nome, lugar na família, frases escutadas tomam depois alguns sentidos. Essas primeiras marcas, não morrendo e não se apagando, sofrem ao longo do tempo novas traduções, outros sentidos, atualizam-se na vida que caminha. Assim, a velhice não traz em cena outro sujeito e cada um só pode vivenciá-la de maneira totalmente particular, com seus traços e sua maneira de traduzir a vida. Deduzimos dessa maneira que a velhice se escreve com vários estilos. Estes indicam como cada um edita um texto com as “letras” recebidas.

Esses traços, por não se modificarem com o tempo, oferecem a sensação de que o tempo não passou e de que somos os mesmos, acarretando dificuldades em reconhecer-se na imagem envelhecida. Como não envelhecemos de uma só vez, percebemos o envelhecimento muito mais claramente nos outros do que em nós mesmos.

O envelhecimento é uma escrita que não para e nela encontra-se a velhice. Talvez essa falta de intervalo seja seu grande triunfo, tornando-se difícil perceber nesse processo contínuo e radical – envelhecemos desde sempre – em que ponto, vírgula, parágrafo, interrogação, entrelinha desse texto – nossa vida – a velhice escreveu-se de forma incisiva e

2 FREUD, Sigmund. *Carta 52* (1895), 1976, p. 317.

3 MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice*, 2009, p. 21.

radical. Ou ela lá esteve desde sempre, tão colada à vida que só podemos vislumbrá-la fora de nós mesmos⁴?

Nesses três tempos da constituição do aparelho psíquico, podemos extrair três concepções de tempo: um tempo que caminha para trás, pois o passado não sendo morto tem efeitos vivos sobre o presente, um tempo que caminha para a frente e outro imodificável, nomeado por Freud de atemporal, fora do tempo, extratemporal ou que desconhece a passagem do tempo. Este tempo constitui nosso inconsciente.

TRÊS CONCEPÇÕES DE TEMPO:
UM TEMPO QUE CAMINHA PARA
TRÁS, POIS O PASSADO NÃO
SENDO MORTO TEM EFEITOS VIVOS
SOBRE O PRESENTE, UM TEMPO
QUE CAMINHA PARA A FRENTE E
OUTRO IMODIFICÁVEL, NOMEADO
POR FREUD DE ATEMPORAL, FORA
DO TEMPO, EXTRATEMPORAL OU
QUE DESCONHECE A PASSAGEM DO
TEMPO.

Na clínica isso é muito visível. Por exemplo, um sujeito de 83 anos traz para sua análise lembranças e experiências vividas em seu casamento de mais de 50 anos. Nelas encontram-se as mesmas queixas de quando se casou: um marido que viajava deixando-a sozinha, a desconfiança de traição e a sombra da outra mulher em sua vida. Quando jovem vasculhava a mala do marido em busca de traços da outra: batons, odores e outros restos menos visíveis. Agora se queixa de suas idas aos bailes de 3ª idade, dos quais ela se nega em participar, mesmo sob a insistência frequente dele. É enfática ao dizer: “agora eu não quero mais, ele já me conhece, sempre fui orgulhosa e pirracenta! Ele passou a vida longe de mim, agora já não o quero mais!”. Entre o não querer, algo ela demonstra desejar, tanto que não faltava às sessões. Lembra-se do “orgulho ferido” durante sua infância, diante das preferências da mãe ao

irmão mais novo, afirmando com desalento: “isso não muda!”. Se isso não muda, o que pode mudar? Espanta-se com a pergunta e responde: será que tem jeito nessa idade? Disso que se repete e se fala, algo se escuta e tem efeitos sobre ela. Não é por nada que, mesmo sob as queixas e um orgulho ferido, é o marido que a acompanha à análise.

Dessa forma, não importa a idade, quando escutamos idosos, escutamos sujeitos que trazem marcas e lembranças vivas que traduzem a maneira mais singular de cada um envelhecer. A velhice pode também fazer ressurgir pontos aparentemente adormecidos provocando angústias, sintomas os mais diversos e que exigem um tratamento.

⁴ Idem, *ibid.*, p. 23

A sexualidade e as marcas infantis

A psicanálise desde Freud parte do princípio de que a sexualidade se impõe muito precocemente a todos nós. Como isso ocorre? Exatamente pelo encontro com o primeiro Outro, que funcionará como suporte à nossa entrada no mundo da linguagem. Antes de poder dizer o que desejamos, alguém irá nomear nossos desconfortos como fome, sede, calor e outros cuidados que tocam a necessidade. Essa nomeação passa por acertos e erros; por exemplo: a criança chora de fome e a mãe dá mais comida e o bebê vomita. Outra hora ele chora porque está com fome e a mãe entende que se trata de outro desconforto. De toda forma esses encontros deixam marcas, boas e más, constituindo, conforme Freud, as primeiras “experiências de satisfação”.

A satisfação pulsional constitui-se pelo conjunto de marcas que compõem cada história de vida. São maneiras muito próprias pelas quais cada sujeito teceu sua relação com o Outro. Ela não implica necessariamente o prazer; indica que algo se satisfaz inconscientemente, e isso pode ser, inclusive, pelo sofrimento. Observamos que alguns sujeitos não abrem mão do sofrimento, mesmo que outras saídas se descortinem para eles. Trata-se aí de um ganho, um tipo de satisfação, mas inconsciente e, na maioria das vezes, desconhecido para o sujeito e da qual ele não consegue se livrar facilmente⁵. Pois bem, por que este percurso todo quando nossa questão é a sexualidade?

Exatamente porque para a psicanálise a sexualidade não se reduz à genitalidade, ao coito, ao sexo, nem ao encontro entre os sexos. A sexualidade apresenta-se muito precocemente pelas primeiras experiências com o Outro, que deixarão marcas em suas escolhas, sobre aquilo que o atrai ou repugna. Nessa direção, Freud acentuou que a sexualidade adulta é a sexualidade infantil, com a diferença de que a primeira é aberta à possibilidade das relações sexuais.

Outro ponto importante é que, nessas primeiras experiências, não existe a princípio um objeto adequado à satisfação do desejo; ele é introduzido pelo Outro, a mãe ou substituto para tentar responder e nomear o desconforto da criança. Algo é oferecido à criança sem que ela peça exatamente aquilo, inaugurando depois uma série de pedidos ao Outro, que contêm sempre algo além do que se pede: o desejo.

⁵ A propósito ver: Ângela Mucida, “Aposentadoria e trabalho de luto”, em *Escrita de uma memória que não se apaga*, 2009, p.65-66

O desejo constitui-se por algo que falta. É exatamente porque a mãe não consegue acertar tudo que a criança começará a pedir mais e mais. Pede-se uma coisa, mas se deseja outra e isso é visível no campo amoroso. Vemos crianças pedindo isso e aquilo enquanto a mãe conversa com a amiga, ou ela faz de tudo para que a atenção se volte para ela. Ela pede chocolate quando na realidade ela quer outra coisa que não sabe dizer. Podemos afirmar que o objeto do desejo não existe na realidade tal como imaginado. Isso implica que nenhum objeto fabricado, seja pela ciência ou pelo mercado de bens, é capaz de nos oferecer aquilo que desejamos. Criamos então objetos de desejo exatamente pela falta de um objeto completamente adequado, demonstrando que ele é sempre inefável e, muitas vezes, obscuro para cada um.

É esta falta que anima o amor e a sexualidade. Falta o objeto adequado e, se ele aparece tal qual imaginado, o sujeito pode se angustiar. Alguns temem exatamente o êxito, seja na relação de amor, sexual ou de trabalho. É como se, ao se defrontarem com um desejo realizado, isso acarretasse uma perda em sua "máquina" desejanter. Saber o que se deseja nunca é uma tarefa fácil. Isso pode ser visto pela angústia que muitas crianças sentem diante dos três desejos no conto de Aladim e sua lâmpada maravilhosa. Esses traços arcaicos constituem um desejo que não envelhece.

A SEXUALIDADE APRESENTA-SE, DESSA FORMA, DIFERENTE EM CADA ÉPOCA E CONTEXTO CULTURAL, E NÃO É POSSÍVEL PENSÁ-LA FORA DO TEMPO, POIS NÃO EXISTEM SUJEITOS FORA DE SUA ÉPOCA E DE SEUS TRAÇOS DOMINANTES.

Por conseguinte, a sexualidade não é da ordem do instinto. O instinto é um mecanismo que visa à sobrevivência. Quando um animal está no cio ele não escolhe um parceiro, mas atrai todos os da espécie para o coito; não há uma escolha. Mesmo nos desvios mais bizarros da sexualidade humana há uma escolha. Diante de um perigo, por exemplo, o animal defende-se e reage. Em se tratando de humanos, as reações são as mais diversas, pois não existe instinto, mas a pulsão que extrapola o campo da sobrevivência e da necessidade. Pessoas morrem de comer ou não comer, morrem por amor ou desamor, morrem extrapolando os limites do corpo. O campo da linguagem modifica nos seres falantes o instinto ou o que se nomeia comumente de "natureza".

De tudo que dissemos até então depreendemos que não há uma sexualidade geral para todos, pois cada sujeito tem marcas que são sempre próprias e se ligam à fantasia. Neste sentido, não é exatamente o objeto que causa o desejo, mas a fantasia em torno dele. Vemos relações desfa-

zerem-se porque caiu a fantasia que as sustentava; os parceiros continuam os mesmos, mas algo que os enlaçava, por motivos diversos, deixou de existir. Retomando Lacan⁶, podemos dizer que o sujeito se mantém como desejante em relação a um campo complexo de relações, e isso se torna ainda mais complexo com o passar do tempo, exatamente pelas marcas que acompanham sempre a passagem do tempo.

Em síntese, a sexualidade compõe-se de pequenos traços: sons, cheiros, um olhar, toques, imagens, palavras... que não compõem um todo homogêneo. Assim sendo, não existe um “conector” que una um homem e uma mulher. Atravessada pelas diferenças, a sexualidade apresenta-se sempre sob a forma de pequenos encontros e desencontros. Não existe em época alguma da vida uma harmonia perfeita no encontro entre os sexos.

Por fim, retomando ainda uma indicação de Freud⁷: não existem regras sexuais, mas regras sociais que tentam controlar a maneira das pessoas amarem e manterem relações sexuais, oferecendo, como ocorre na época atual, sobretudo pela publicidade e pela literatura de autoajuda, regras e imagens de como ser homem, mulher, encontrar o “par perfeito” e outras estratégias de conquista que prometem o encontro sem falhas. Se antes o gozo era algo proibido e secreto, hoje o lema é “goze!”. A sexualidade do idoso pode surgir na contramão desse ideal inatingível. A sexualidade apresenta-se, dessa forma, diferente em cada época e contexto cultural, e não é possível pensá-la fora do tempo, pois não existem sujeitos fora de sua época e de seus traços dominantes.

Sexualidade na velhice

Começamos com uma pergunta: por que persiste ainda um tabu, mesmo que velado, em relação à sexualidade na velhice?

Ocupando hoje espaços na mídia, na publicidade – voltada para um mercado de consumidores que cresce –, exibida em novelas e filmes, sobretudo com o surgimento do Viagra, a sexualidade na velhice, tornando-se aparentemente um tema “natural”, continua se apresentando muitas vezes sob a forma de pilhéria, exagero ou por vezes até de forma desrespeitosa que tenta camuflar um real que incomoda: as marcas da velhice sobre o corpo e sobre o que se imagina como “desempenho sexual”. O que se esconde por detrás do tabu?

⁶ LACAN, Jacques. *As formações do inconsciente* (1958), 1999.

⁷ FREUD, Sigmund, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), 1972.

No artigo “O tabu da virgindade” (1917) Freud acentua que “o homem primitivo institui um tabu quando teme algum perigo”⁸. Qual seria o perigo em questão diante da sexualidade na velhice? Relendo⁹ dois textos do mesmo autor: “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912)¹⁰ e “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (1910)¹¹, destacamos um aspecto que nos pareceu servir de base à reflexão da sexualidade na velhice: quando a criança descobre a sexualidade entre os pais sua tendência é de negar tal fato, respondendo: “Seus pais e outras pessoas podem fazer coisas como esta entre si, mas meus pais, possivelmente, não podem fazê-las”¹². Ou seja, a negação da sexualidade dos pais, sempre velhos em relação à criança, resta no inconsciente dos neuróticos como proibido e da qual ninguém quer saber. A nosso ver, isso persiste no inconsciente do adulto, inclusive para os próprios idosos em relação a si mesmos. No inconsciente o idoso é um representante do pai.

Falar da sexualidade na velhice sob a forma de chiste ou pilhéria é tentar cobrir um real difícil de ser assimilado e ainda proibido inconscientemente. Imaginariamente também é comum depositar na velhice tudo aquilo que se teme e pertence a todos nós: a morte, o desencontro amoroso e sexual, a impotência e as mudanças inevitáveis no corpo. Deposita-se imaginariamente nesse momento todo o imponderável que, na realidade, toca a vida. Assim o tabu da sexualidade na velhice encontra ainda o medo do imponderável e a dificuldade, sempre presente, dos caminhos e descaminhos da sexualidade.

Outro ponto importante refere-se aos efeitos de nossa época sobre o medo de envelhecer. Na contemporaneidade a sexualidade encontra-se atrelada à possibilidade de um gozo sem limites e, sobretudo, acoplada aos objetos, quando não aliada a um corpo jovem e sem marcas, pronto para gozar. Diante desse imperativo “todos devem gozar”, não importa como, sob o lema do desempenho total, de potência e demonstrações de poder, a sexualidade do idoso surge como um limite. Uma estratégia é tentar apagar da velhice suas marcas, prometendo também aos idosos um gozo sem limites, sobretudo por meio de medicamentos para a disfunção erétil.

8 FREUD, Sigmund. *O tabu da virgindade* (1917), 1976, p. 185.

9 A propósito ver: MUCIDA, Ângela. Sexualidade e velhice In: *O sujeito não envelhece –psicanálise e velhice*, op. cit., capítulo 4.

10 FREUD, Sigmund. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, [1912], 1970.

11 FREUD, Sigmund. *Um tipo especial de escolha de objeto* [1910], 1970.

12 Idem, *ibid.*, p. 154.

Sexualidade no homem idoso

A sexualidade masculina nunca foi tema de destaque, porque talvez, ao contrário da sexualidade feminina, não tenha se tornado um enigma. Há uma enormidade de textos na psicanálise abordando o enigma do feminino a partir mesmo das questões: o que quer uma mulher? O que é uma mulher e o gozo feminino?

Se a diferença sexual se posta bem cedo para cada um de nós e ninguém se arriscaria a responder, diante da pergunta: é homem ou mulher?, "vamos ver o que vai dar", é porque há uma marca anatômica no corpo que não há como negar. Diante da diferença sexual, a criança pequena dos dois sexos não vê a diferença, mas, como assinalou Freud, apenas a presença ou a ausência de pênis, associando esta presença com a completude. Essa falsa interpretação da realidade tem efeitos sobre os dois sexos. Predomina de maneira geral do lado masculino a sensação de completude, confusão entre ter o pênis e ser completo, e do lado feminino, a demanda de ter algo que falta. As mulheres em geral se voltam para outra mulher buscando a resposta sobre o que é uma mulher e o feminino.

Quanto aos homens persiste uma confusão muito comum entre ter o pênis e o símbolo da potência e da completude. Essa posição, diremos fálica, empresta-lhes uma marca e uma cobrança de não falharem. Isso se encontra no trabalho, nas relações com os outros e na sexualidade. Alguns, mesmo hoje, associam, inclusive, a virilidade com a idéia de procriação. Muitos, mesmo não desejando ter mais filhos, não têm coragem de se submeter à vasectomia com receio da perda de algo que toca a virilidade. Dessa maneira, a cobrança de desempenho fálico acompanha os homens, mesmo com algumas mudanças advindas, sobretudo, com a inserção da mulher no trabalho, dividindo com o homem a manutenção da casa. Mesmo que as mulheres também entrem no campo da disputa e da demonstração de poder e sucesso, e muitas têm demonstrado resultados surpreendentes, elas não se identificam como mulheres pelo sucesso no trabalho.

Assim a passagem do tempo e tudo que ela impõe de mudanças reflete-se sobre algumas amarras fálicas masculinas, como a aposentadoria

PREDOMINA DE MANEIRA GERAL DO LADO MASCULINO A SENSÇÃO DE COMPLETUDE, CONFUSÃO ENTRE TER O PÊNIS E SER COMPLETO, E DO LADO FEMININO, A DEMANDA DE TER ALGO QUE FALTA. AS MULHERES EM GERAL SE VOLTAM PARA OUTRA MULHER BUSCANDO A RESPOSTA SOBRE O QUE É UMA MULHER E O FEMININO.

por exemplo. O envelhecimento torna mais complexas as expressões do desejo e da sexualidade, impondo novas direções para o desejo. E seria estranho se assim não o fosse e pretendêssemos realizar o desejo sem inscrevê-lo na vida que se modifica.

O Viagra surgiu como um *boom* que apagaria toda a cota de fracasso presente nos encontros sexuais e, inventado inicialmente para a disfunção erétil, é hoje utilizado em larga escala também por jovens, juntamente com o *ecstasy*, na busca desse gozo a mais. Todavia esse medicamento não pode acordar o desejo, a libido, nem atua sobre a fantasia. Acentuamos¹³ que a promessa de um gozo sem limites, oferecido a todos, não muda a posição dos idosos diante do sexual; eles não pertencem à geração marcada pela Aids e não concebem por exemplo a necessidade do uso de camisinhas, acarretando assustador o índice de idosos infectados pelo vírus HIV. Atender à demanda de desempenho sexual sem desconhecer a passagem do tempo pode gerar efeitos nefastos sobre o idoso.

O desejo impõe maneiras de se inscrever em cada momento da vida e realiza-se por vias singulares. Não existem regras gerais sobre como cada um deve ou pode conduzir sua sexualidade. De toda maneira, como medicamento, o uso do Viagra só pode ser prescrito caso a caso e não de forma global como a solução para uma sexualidade feliz. Há mudanças que não se apagam e, se isso não impede, de forma alguma, as expressões da sexualidade, elas impõem a cada um saber adaptá-las ao momento.

Outro tabu frequente em relação à sexualidade na velhice é de que o envelhecimento corporal impediria a atração sexual e as expressões da sexualidade. Isso é um dos efeitos do imaginário atual de que apenas um corpo jovem e sarado é aparelhado para o prazer. Na velhice, como em qualquer época da vida, cada um terá que conduzir os impasses que toda relação amorosa impõe. Há sempre um sujeito que jamais envelhece também nas expressões da sexualidade e do amor.

Sob a contingência do amor

Apesar de prevalecer no Ocidente a ideia do amor como completude, advinda do mito de Aristófanes – duas metades se encontrando sob a forma de completude –, há outra concepção de amor, advinda do Banquete de Platão, que é pouco difundida. Nesse diálogo Sócrates e seus

13 MUCIDA, Ângela. Sexualidade nos tempos do Viagra. In: *Escrita de uma memória que não se apaga*, 2009, capítulo 5.

discípulos discutem sobre a origem do amor, desembocando na origem de Eros, deus do amor. Ao contrário do amor da completude do mito de Aristófanes, temos, no nascimento de Eros, o encontro entre Poros, deus dos recursos, e Penúria, deusa da pobreza, indicando duas faces do amor: faminto e em falta como a mãe e cheio de recursos como o pai.

Na psicanálise encontramos o amor aliado à via narcísica, ao eu; amamos aquilo que nos falta, afirma também Platão. No amor como na sexualidade, a escolha faz-se por algum traço, nem sempre nomeável. “Inserido na miséria e no sofrimento a que muitos se veem reduzidos quando amam, conjugando amor e dor, ele é também uma força de união e de criação.”¹⁴ Todavia, a frase bíblica “Amai ao seu próximo como a ti mesmo”, sinalizando um amor universal ao próximo, encontra na vida muitos empecilhos, como aqueles da via amorosa. Como amar ao próximo se o sujeito não se ama? O que cada um devolve ao próximo e ao companheiro é também reflexo daquilo que nutre em si mesmo e, se o amor está ligado ao narcisismo, vemos como é sempre complexa a sua consecução, independente da idade.

Para o poeta Rilke, ao contrário do que sempre se apregoa sobre o amor ser destinado aos jovens, constituindo-se do encontro entre duas solitudes, o amor demanda preparo para saber conduzir a própria solidão.

“[...] Por isso, pessoas jovens que ainda são estrepantes em tudo, não sabem amar; têm que aprendê-lo. [...] Assim, para quem ama, o amor, por muito tempo e pela vida afora, é solidão, isolamento, cada vez mais diverso e profundo. O amor, antes de tudo, não é o que se chama entregar-se, confundir-se, unir-se a outra pessoa.”¹⁵

Todavia, não basta estar idoso para suportar a solidão e saber conduzir-se com ela no campo do amor, pois a velhice não traz em cena outro sujeito. Um belo exemplo desse sujeito que não envelhece é o protagonista de “Memórias de minhas putas tristes”, de García Márquez¹⁶. Ali encontramos um sujeito aos 90 anos com os mesmos traços das escolhas anteriores e que toma na radicalidade a maneira masculina de lidar com o amor e a sexualidade: quando amam não desejam, quando desejam não amam, analisada por Freud¹⁷.

Outro belo exemplo, também de García Márquez, do bom encontro do amor e da sexualidade na velhice é O amor nos tempos do cólera¹⁸, e que vale citar:

Era a primeira vez que fazia amor em mais de vinte anos, e o fizera

14 MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice*, 2009. p. 130

15 RILKE, Rainer Maria. 1993, p. 55-56.

16 GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *Memórias de minhas putas tristes*, 2005.

17 FREUD, Sigmund. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912) e *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910), ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI.

18 A análise desses dois romances encontra-se também em *Escrita de uma memória que não se apaga*, 2009, capítulo 5.

embargada pela curiosidade de sentir como podia ser, em sua idade e depois de um recesso tão prolongado. Mas ele não tinha lhe dado tempo de saber se seu corpo também estava querendo. Tinha sido rápido e triste e pensou: “agora está tudo fodido”. Mas se enganou: apesar do desencanto de ambos, apesar do arrependimento dela pela loucura do anis, não se separaram um instante nos dias seguintes. [...] Não tentaram de novo o amor até muito depois, quando a inspiração chegou sem que a buscassem. Bastava-lhes a ventura simples de estar juntos. [...] fizeram um amor tranqüilo e são, de serenos avós, que se fixaria em sua memória como a melhor lembrança daquela viagem lunática.¹⁹

RICO SÓ É O HOMEM QUE APRENDEU
PIEDOSO E HUMILDE A CONVIVER
COM O TEMPO, APROXIMANDO-
SE DELE COM TERNURA. NÃO SE
REBELANDO CONTRA O SEU CURSO,
BRINDANDO ANTES COM SABEDORIA
PARA RECEBER DELE OS FAVORES E
NÃO SUA IRA. O EQUILÍBRIO DA
VIDA ESTÁ ESSENCIALMENTE NESTE
BEM SUPREMO.

Concluimos que o amor e a sexualidade estão também inseridos no tempo. Aprender a dialogar e a conduzir o tempo é uma tarefa imposta a todos nós. Se há marcas da sexualidade e na busca do amor fora do tempo, a velhice está também no tempo. Os parâmetros de velhices anteriores são também sempre frágeis para conduzir o que encontramos hoje em nossa época. Termino com uma citação do filme “Lavoura arcaica”, texto de Raduan Nassar:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor. Embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento. Sem medida que eu conheça, o tempo é, contudo, nosso bem de maior grandeza. Não tem começo, não tem fim. Rico não é o homem que coleciona e se pesa num amontoado de moedas, nem aquele devasso que estende as mãos e braços em terras largas. Rico só é o homem que aprendeu piedoso e humilde a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura. Não se rebelando contra o seu curso. Brindando antes com sabedoria para receber dele os favores e não sua ira. O equilíbrio da vida está essencialmente neste bem supremo. E quem souber com acerto a quantidade de vagar com a de espera que deve pôr nas coisas, não corre nunca o risco de buscar por elas e defrontar-se com o que não é. Pois só a justa medida do tempo, dá a justa ‘agudeza’ das coisas.²⁰

19 GARCÍA MARQUEZ,
*Gabriel O amor nos tempos
do cólera*, 1985, p. 420 e
425.

20 “Lavoura arcaica”,
2001, filme de Luiz
Fernando Carvalho, com
roteiro baseado na obra
Lavoura arcaica, de Raduan
Nassar, 1975.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. Carta 52 [1896]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. I.
- _____. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, [1905]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII.
- _____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor [1912]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.
- _____. O tabu da virgindade [1917-1918]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.
- _____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens, [1910]. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.
- LACAN, Jacques. *O Seminário* [1957-1958]. *Livro 5: As formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Lavoura Arcaica*, 2001, Filme de Luiz Fernando Carvalho, com roteiro baseado na obra: *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, 1975
- GARCIA MÁRQUEZ, G. *O amor nos tempos do cólera*. Tradução de Antonio Callado. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985 [L1] 429p.
- _____. *Memória de minhas putas tristes*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005, 127p.
- MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. *Escrita de uma memória que não se apaga - envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Paulo Rónai. São Paulo, Globo, 1993, 77 p.